

4.4.45 CONCORREMOS PODEROSAMENTE, EMBORA INVOLUNTARIAMENTE, PARA A IMPLANTAÇÃO DE UMA DITADURA

Ontem, às 19 horas, conforme fôra anunciado, e presentes ao estudo da Rádio Farroupilha figuras representativas das correntes democráticas rio-grandenses, as emissoras "associadas" gaúchas iniciaram a campanha política, tendo o nosso companheiro Ernesto Corrêa, nesse sentido, proferido as seguintes palavras ao microfone da "mais potente":

"Começam, neste instante, as Rádios Associadas do Rio Grande do Sul os debates políticos da cruzada nacional pela redemocratização do país. E vamos fazê-lo nos moldes clássicos das campanhas eleitorais norte-americanas, com uma particularidade, porém: não haverá nenhum onus material para os agrupamentos partidários.

Dêsde a primeira hora, os "Diários e Rádios Associados" tomaram posição definida e definitiva ao lado do brigadeiro Eduardo Gomes. Se obedecessem à tradição da imprensa e do rádio do Brasil, fechariam suas colunas e recusariam seus microfones ao adversário.

Não será assim, agora. Os "Diários e Rádios Associados" não querem monopolizar para o candidato do povo os instrumentos de difusão de que dispõem. Os partidários do Ilustre e probo general Eurico Gaspar Dutra têm assegurado o direito de acesso aos nossos jornais e emissoras, para a propaganda da candidatura de sua preferência, desde que usada, naturalmente, na mesma linguagem de equilíbrio, serenidade e respeito, que norteia a ação das forças democráticas brasileiras.

Estamos certos, assim, de prestar ao Rio Grande e ao Brasil a mais alta e honesta contribuição que a imprensa e o rádio poderiam oferecer para o encaminhamento de um justo e consciente pronunciamento nas urnas.

Nossa alma está com o brigadeiro Eduardo Gomes. Nossos jornais e rádios, como sempre, estão com o Brasil.

Raul Pilla abre a cruzada cívica. As "Rádios Associadas" gaúchas sentem-se honradas em ter em seus microfones o líder incorrível da Democracia, glória inobscurecível das tradições liberais do Rio Grande do Sul."

Seguiu-se o professor Raul Pilla, que proferiu a seguinte impressionante oração:

A ORAÇÃO DO SR. RAUL PILLA

"Cansado, desiludido, revoltado com a ditadura, está-se erigindo por toda a parte o povo brasileiro, para quebrar, com o voto, a gargalheira que, há oito anos, o constringe. Em muitos Estados é simplesmente empolgante o movimento popular. Não dever e não poder continuar o atual regime é o lema por todos proclamado e sustentado.

Mas, se restaurar no país a liberdade e a democracia é o dever que a todos os brasileiros incumbe, quando lá fora os nossos compatriotas estão morrendo pela liberdade e pela democracia, para nós, rio-grandenses, este dever é mais imperioso e indeclinável, porque, se nós, riograndenses, carregamos, relativamente à Nação, culpas que não são nossas, senão de alguns dos nossos, assumimos, todavia, responsabilidades a que não poderemos fugir, neste momento, sem nos tornarmos culpados de todas aquelas culpas.

Foi, efetivamente, com a responsabilidade do Rio Grande, foi com um impulso partido do Rio Grande que se fez a revolução de 1930. Foi um homem do Rio Grande que assumiu o governo e, com a colaboração de outros homens do Rio Grande, faltou a todos os compromissos da campanha liberal e da revolução consequente, instituindo e mantendo a ditadura, enquanto outra revolução, vencida pelas armas, mas vitoriosa por suas consequências, não o obrigou a constitucionalizar o país.

Que o Rio Grande tinha responsabilidade moral, e nenhuma culpa verdadeira no desvirtuamento da campanha liberal, demonstra-o o fato histórico de haverem daqui partido, logo aos poucos dias da vitória da revolução de outubro, as primeiras advertências, as primeiras censuras, os primeiros ataques, que, sem cessar, foram crescendo de veemência, até o episódio, chelo de luz e sombras, da revolução constitucionalista. Nesta ocasião, materialmente incapazes e impotentes, chorámos lágrimas de sangue, sem que as nossas lágrimas pudessem aproveitar aos denodados compatriotas que estavam lutando pela liberdade.

Tivemos depois, fruto do sangue derramado, um breve interregno constitucional. Estava já a findar o mandato presidencial conferido ao sr. Getúlio Vargas na enganosa esperança de que seria esta a mais suave maneira de liquidar o tremendo equívoco de 1930, quando a trágica e obstinada cegueira de alguns homens atirou sobre o Rio Grande boa parte da responsabilidade na implantação da Ditadura.

Com efeito, não só riograndense era o Ditador, que, sucedendo-se a si mesmo, sucedia ao presidente constitucional graças ao golpe de Estado de 10 de novembro, mas também a encarnizada luta intestina em que estivemos empenhados no Rio Grande, sem que a advertência dos mais sensatos a pudesse reduzir a termos razoáveis, limpou o campo para que o sr. Getúlio Vargas instalasse no País o seu nefasto

regime autoritário. Se isto aconteceu, se isto aconteceu com tamanha facilidade, foi porque, contrariamente ao que se verificara antes, esteve o Rio Grande ausente do cenário nacional, excessivamente, embora não injustamente preocupado com as suas querelas domésticas.

Essa é, pois, a nova e grave responsabilidade do Rio Grande: haver concorrido, poderosamente, embora involuntariamente, para a implantação de uma ditadura exercida por um riograndense. Pouco importa que, durante estes últimos anos, tenha sido o nosso Estado menos contemplado pela munificência do Ditador. Pouco importa que a quase totalidade da população riograndense nunca se haja identificado com o desastroso regime imposto à Nação pela força. O fato aparente aos olhos dos nossos compatriotas é ser riograndense o Ditador e, portanto, riograndense a Ditadura, que se supõe ter recebido o beneplácito do povo riograndense.

Tal é a triste e dolorosa situação em que nos vimos a encontrar, neste fim de regime, perante os demais Estados da Federação.

Podemos alegar, é certo, que ela se criou a nossa revella e contra a nossa vontade; que não lhe damos, nem lhe demos jamais a nossa solidariedade. Mas, ouvi bem, se agora, que se romperam as comportas e o povo começou por toda a parte a manifestar-se, nós, riograndenses, nos mantívéssemos, cautelosos, a espiar os acontecimentos, em vez de tomar ne-

(Continua na 2.ª página)

les uma parte ostensiva e decisiva, nada valeriam os nossos protestos e ninguém lhes daria, nem poderia dar crédito. E, às responsabilidades que nos cabem de 1930 para cá, teriam de acrescentar-se as culpas da nossa indiferença e da nossa inércia, culpas que equivaleriam às de uma solidariedade a todos os desmandos do regime explorante.

Com efeito, cumpre não esqueçamos que, em 1930, o Rio Grande assumiu o governo por um dos seus filhos, afim de corrigir erros e emendar abusos, promovendo a prática mais efetiva e fiel da democracia; que a revolução liberal se fez sob a égide e sob a garantia do Rio Grande; e que o resultado dessa intervenção decisiva do nosso Estado na política nacional foi a negação de tudo quanto havíamos prometido.

Para resgatar as faltas que não são nossas, apenas o são de alguns conterrâneos nossos e, todavia, recaem sobre todos nós indistintamente, é preciso que a gente riograndense reivindique para si um dos primeiros lugares na luta que já vem próxima; que se inflame do mesmo ardor cívico de 29 e 30; que, pelo voto de seus homens e de suas mulheres, mostre claramente a toda a Nação o seu repúdio ao regime nefasto que, mais que a todos, o feriu a ele.

Tal é o que cumpre ao Rio Grande, se ele se quiser ver restituído a glória das suas tradições liberais e pretender afastar de si a pecha de responsável máximo por tudo quanto de pernicioso tem acontecido no País nos últimos quinze anos.

É fácil é cumpri-lo, porque reto e amplo é o caminho que se nos depara. Concordando, finalmente, em patentear-nos as urnas, deu-nos a Ditadura a facilidade de escolher. Cumprenos, pois, escolher e escolher bem, e escolher livremente. Livrementemente, ainda que no-lo queiram impedir. E que é o que se nos dá a escolher? Entre duas candidaturas típicas, porque polarmente opostas: a candidatura democrática de Eduardo Gomes, que representa o mais completo e formal repúdio do atual regime e dos seus oito anos de abusos de toda ordem; e a candidatura oficial que, seja ela qual for, representará sempre um compromisso com a Ditadura.

Não há como poder enganar-se. O riograndense que adotar esta última candidatura endossará todos os erros e todos os abusos, todas as faltas e todos os crimes deste longo período de governo pessoal; o que estiver com Eduardo Gomes, não só terá optado pela democracia, mas terá também varrido a sua testada, concorrendo para resgatar, não as culpas, que não as há, mas as responsabilidades da nossa gente.

Com Eduardo Gomes, pois, pela Democracia e pelo Rio Grande".